



Da Conceição da Praia à Colina Sagrada

Roberto C. G. Castro

*Lavagem do Bonfim – Formas de Reportar, de Atílio Avancini,
São Paulo, Editora Alameda, 146 pp.*

Vivos, marcantes, por vezes poéticos, os textos e as fotos em preto e branco publicados no livro *Lavagem do Bonfim – Formas de Reportar*, de Atílio Avancini,

nos transportam para aquela festa bicentenária que, realizada anualmente em Salvador, na Bahia, sempre em janeiro, constitui uma celebração mística e profana da miscigenação, do ecumenismo religioso e de práticas e saberes de povos formadores do Brasil – numa palavra, uma exaltação da cultura popular brasileira.

Publicado pela Editora Alameda, o livro – uma versão ampliada da tese de doutorado de Avancini, defendida em 2004 na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP – reconstitui em textos e imagens as várias fases em que se divide a Lavagem do Nosso Senhor do Bonfim da Bahia, desde a reunião dos peregrinos, na Igreja Conceição da Praia, até a dispersão, quando começa a Festa de Largo, no entorno da Igreja Senhor Bom Jesus do Bonfim, localizada na Colina Sagrada. Há a concentração das baianas, por volta das 9 horas da manhã, o culto ecumênico na Igreja Conceição da Praia – que reúne adeptos do catolicismo, do candomblé, do espiritismo, do islamismo, do judaísmo, do budismo e do protestantismo –, a saída do

cortejo, a chegada das baianas no adro da Igreja do Bonfim, a audição do Hino ao Senhor do Bonfim e a lavagem simbólica.

Com oito quilômetros, o percurso desde Conceição da Praia até a Colina Sagrada é feito em cerca de três horas e tem a participação de 1 milhão de pessoas, o que faz da festa o segundo maior evento de Salvador, atrás apenas do Carnaval. “Perambular pela festa é tocar parte da história e descortinar cenários que guardam em si tesouros de brasilidade”, escreve Avancini.

Esse cortejo forma um “rio caudaloso”, compara Avancini. Ele descreve o que viu ao participar de sete festas, entre 1994 e 2009: baianas carregam talhas floridas com lavandas, os Filhos de Gandhi – bloco dedicado ao afoxé, um ritmo do candomblé marcado pela batida do agogô – trajam turbantes azuis e brancos, jovens foliões se balançam ao som da *axé music*. E muito mais: cavaleiros do interior domam suas montarias e se impõem no pagode,romeiros de chapéus de palha recém-chegados do Recôncavo se encontram no passo das charangas – bandas de bateria de escola de samba, com surdo, repinique e tamborim – e matutos sertanejos oram concentrados, vestidos

ROBERTO C. G. CASTRO é jornalista e subeditor de Cultura do *Jornal da USP*.

com fibras de algodão. Como nota Avancini, ao contrário das procissões católicas tradicionais, a imagem do santo não é carregada pelo povo. “Há no percurso em romaria ao lugar santo carros motorizados de som e carroças de tração animal, cobertas com folhas de coqueiro e puxadas por jegues ornados, utilizadas como táxi ou suporte para lanches e bebidas”, escreve o autor, que é fotógrafo e professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA.

As imagens de Avancini mostram em detalhes pouco perceptíveis a riqueza desse “rio caudaloso” formado pelo cortejo de peregrinos em direção à Colina Sagrada. Na página 24, vê-se a multidão reunida, à espera do início da procissão. Nas páginas seguintes, o povo já está em movimento. Grupos de percussão tocam bumbos e pandeiros, pessoas nas sacadas das casas observam o desfile, homens e mulheres se esbarram, cartazes pedem a bênção do Senhor do Bonfim.

A chegada das baianas ao adro da Igreja do Bonfim é marcada pelo lançamento de foguetes, confetes e balões brancos, que colorem o céu de profundo azul de Salvador. “Corpos sacodem, agogôs repicam, berimbaus solfejam, pandeiros volteiam, apitos sibilam, atabaques trovejam, vozes fraseiam. E os sinos dos dois campanários da igreja ressoam.”

Quem melhor representa a Lavagem do Bonfim – continua Avancini – são as baianas, que com seu traje peculiar emanam prestígio, reverência e aura. Na festa, elas desfilam às centenas, carregando na cabeça talhas cheias de água de amassi – águas de cheiro, em que são mergulhadas flores brancas, como rosas, margaridas, crisântemos, copos-de-leite e jasmims. “As talhas, também chamadas de quartinhas ou quartilhões, são confeccionadas em barro e algumas são pintadas com a imagem da igreja. A água de amassi contém uma solução de ervas quinadas (esfregadas à mão) acrescida de fragrâncias como alfazema, alecrim, macaça, manjerição, hortelã e arruda.”

Com suas vestes brancas, as baianas comunicam o sagrado. Místicas, essas vestes estão incorporadas às doceiras e vendedoras de acarajé – alimento feito com massa de feijão-fradinho frita em azeite de dendê e servido com vatapá, caruru, camarão seco, pimenta, tomate e cebola picada.

As baianas atraem freguesia em razão de seus dotes culinários e, ao mesmo tempo, atuam como protetoras dos devotos, já que praticam o ritual de oferenda dos bolinhos de acarajé aos orixás, divindades do candomblé controladoras das forças vitais da natureza. “Devotas de Oxalá, as baianas têm sacrifícios e obrigações, como os banhos, mais utilizados para atingir a pureza do que a limpeza



1994, p. 24

do corpo. Intermediárias entre as esferas celestiais e humanas, fazem inspirar os homens.”

Avancini reproduz, no livro, o depoimento de uma dessas baianas, a ialorixá Maria José, que, aos 90 anos, ainda subia a ladeira da Colina Sagrada: “Eu sinto dentro de mim coisa diferente, uma alegria me puxa com amor. Mas estou cansada. Tem quem carregue minha talha. Não aguento. A talha é pesada por causa da água de amassi. Tudo graças ao Senhor do Bonfim”.

Nas fotografias em que retrata as baianas, Avancini consegue capturar a magia dessas mulheres a que se refere em seu texto. Na página 72, mostra a delicadeza de uma jovem baiana com uma talha na cabeça, seguida da serenidade de outra baiana, com a Igreja do Bonfim ao fundo. Na página 77, um impressionante *close* das vestes de uma baiana, com a mão negra sobre o pano branco, destacam as rendas, as miçangas e os bordados típicos. São imagens que informam e encantam.

A LAVAGEM

No fim da romaria, ao chegar à Colina Sagrada, as baianas derramam suas águas perfumadas sobre a escadaria e o adro da igreja, uma área plana e cercada em frente ao santuário. Munidas de vassouras, começam a lavagem simbólica do local. “A ideia das águas que purificam corresponde a certas práticas religiosas, como a tradição católica do asseio interno da igreja – costume ibérico medieval –, inicialmente realizada pelos escravos. Ou como o rito sagrado do candomblé para retirar as impurezas, afastar as coisas ruins e promover a correção do ser.”

Avancini nota que, desde a década de 50, o acesso ao interior da igreja é proibido aos peregrinos da Lavagem do Bonfim, a fim de preservar o local. As autoridades eclesásticas querem evitar o que se vê nas fotografias do francês Pierre Verger publicadas na revista *O Cruzeiro*, nos anos 40: multidões apertadas no templo e homens passando com carrinhos de madeira repletos de caldeirões de comida.

Em 1976, foi autorizada a reabertura do portal de madeira do templo, mas até hoje o acesso ao interior da igreja continua impedido por uma porta de ferro, vazada, com as insígnias da cruz

cristã, informa Avancini. “Fiéis criaram a prática de lançar flores brancas dentro do templo. E de atar fitinhas do Bonfim na peça metálica da entrada.”

As fitinhas do Bonfim. Avancini dedica um capítulo de seu livro para falar delas. Surgidas no século XIX, trazidas por um padre português, a fita de seda bordada com fios de ouro – também conhecida como medida do Bonfim – traz impressa a insígnia “Lembrança do Senhor do Bonfim da Bahia”. Ela possui exatamente a mesma extensão da distância entre o coração e a chaga da mão esquerda da imagem em cedro do Senhor do Bonfim. Instalada no altar-mor da igreja, sob a proteção de um vidro, a imagem está longe do alcance dos fiéis. Com isso, é a fitinha que representa o elo entre o devoto e a fé, que pode ser depositada em Nosso Senhor do Bonfim ou nos orixás. “Na Lavagem, as baianas, numa ação generosa, oferecem fitas aos entes queridos. Assim, o fetiche sagrado recompensa o esforço do peregrino pela energia despendida. Objeto guardião, a fita protege o portador e a sociedade contra as ameaças das forças maléficas.”

Num tom que mistura provocação e divertimento, Avancini lembra, porém, que a fitinha pode não ter efeito nenhum, como mostra a canção “Trocando em Miúdos”, composta em 1978 por Francis Hime e Chico Buarque de Holanda, que relata um relacionamento desfeito: “Eu vou lhe deixar a medida do Bonfim, não me valeu”.

Avancini soube capturar o mistério e o encanto das fitas do Bonfim. Na página 112, está registrado o antigo hábito de amarrar as fitinhas na porta de ferro da entrada da igreja. Nas páginas seguintes veem-se baianas distribuindo a lembrança, fitinhas penduradas à venda e uma criança brincando com a peça.

Ao lado da fita do Bonfim, o “Hino ao Senhor do Bonfim” é outra tradição firmemente associada à Lavagem. Como informa Avancini, a obra foi composta para comemorar o centenário da Independência do Brasil na Bahia, em 1923. Como se sabe, em Salvador, os portugueses só aceitaram a Independência brasileira em 2 de julho de 1823, quase um ano depois do rompimento oficial do Brasil com Portugal, em 7 de setembro de 1822.

De autoria de Arthur Salles e João Antônio Wanderley, o hino glorifica o Senhor do Bonfim, a quem a tradição atribui as vitórias dos baianos sobre os portugueses em árduas batalhas navais

e terrestres. Objeto de admiração e afeto, considerado extraoficialmente o hino da Bahia, o “Hino ao Senhor do Bonfim” – continua Avancini – transforma o imaginário do povo nordestino em alegria de viver:

“Glória a ti neste dia de glória
Glória a ti, redentor, que há cem anos
Nossos pais conduziste à vitória
Pelos mares e campos baianos

Desta sagrada colina
Mansão da misericórdia
Dai-nos a graça divina
Da justiça e da concórdia

Glória a ti nessa altura sagrada
És o eterno farol, és o guia
És, senhor, sentinela avançada
És a guarda imortal da Bahia

Aos teus pés que nos deste o direito
Aos teus pés que nos deste a verdade
Trata e exulta num férvido preito
A alma em festa da tua cidade”.

A FESTA DE LARGO

Com o término da Lavagem, começa a Festa de Largo, que não tem hora para acabar. O entorno da Igreja do Bonfim é tomado por barracas de comida e bebida e o povo se entrega à diversão: músicas, danças, jogos, namoros, tira-gostos, bebidas. Um universo caótico e ruidoso que faz lembrar a alegria do mercado público ou da feira livre, compara Avancini. “Entre o espocar de fotos, cantos populares, cerveja, tapioca, cachaça, acarajé, batucada, capoeira, a gente baiana mantém seu espírito pelo paladar. As iguarias de origem africana – diferenciadas pelo tempero à base de azeite de dendê, leite de coco, gengibre e pimenta – ficam reservadas às efemérides familiares ou religiosas. A Lavagem é, portanto, bom motivo para pratos como o caruru, a carne de sol ou a succulenta feijoada baiana.”

Outros pratos típicos da Bahia circulam na Festa de Largo: abará, aipim, baião de dois, banana-da-terra, beiju, bobó de camarão, caldo de feijão, carne de sol, casquinha de siri, cuscuz,

farinha de tapioca, inhame, maniçoba, moqueca de maturi, milho assado, peixe à baiana, pirão, sarapatel, vatapá e xinxim de galinha. Entre os muitos doces, encontra-se a famosa cocada baiana, que Avancini apreciou.

Também nesse caso as fotos de Avancini expressam com sensibilidade o que o texto nos informa. A variedade, a agitação, a confusão e a alegria provocadas pela Festa de Largo estão estampadas nas páginas de *Lavagem do Bonfim – Formas de Reportar*. São pessoas comendo, bebendo, dançando, tocando instrumentos, divertindo-se, orando – e até dormindo – no entorno da Igreja do Senhor do Bonfim. Na página 130, acha-se talvez a foto mais intrigante do livro: a imagem retrata uma baiana em suas vestes típicas, um leve sorriso e um olhar tão misterioso que faz o observador parar por instantes para tentar decifrar o pensamento da mulher.

No livro, Avancini não apenas descreve a Lavagem do Nosso Senhor do Bonfim da Bahia, mas também investiga as mais remotas origens da Igreja do Bonfim. Em setembro de 1742 –



1998, p. 130

conta o autor –, o navio Setúbal, comandado pelo capitão português de mar-e-guerra Theodozio Rodriguez de Faria, deixando o Rio de Janeiro em direção a Lisboa, enfrentou, já na costa portuguesa, uma violenta tempestade, que ameaçava destroçar a embarcação.

Sobrevivendo a duras penas à tempestade, Theodozio e os marinheiros conseguiram chegar à praia de Setúbal e, descalços e com a vela e o mastro do navio, foram diretamente à Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, a fim de agradecer pela graça de não terem morrido no mar. O capitão cumpriu uma promessa que fizera durante o momento de desespero no Atlântico: encomendou a artesãos portugueses uma réplica em cedro da imagem do Cristo crucificado – o Nosso Senhor do Bonfim, com altura de 1,1 metro – e ordenou a construção de um templo em Salvador, na Bahia, que na época era a capital da então colônia portuguesa. As obras tiveram início com a chegada da escultura, em 1745, e levaram nove anos para serem terminadas.

“Concluída a capela e instalada a peça esculpida de culto, a primeira missa aconteceu no dia de São João, em 24 de junho de 1754”, escreve Avancini. “O povo, então, passa a atribuir milagres e graças alcançadas ao Nosso Senhor do Bonfim, considerado santo pertencente à Bahia. A construção da Igreja Bom Jesus do Bonfim é agradecimento expresso como monumental ex-voto – objeto oferecido à divindade por graça alcançada. A inauguração da festa dominical do Bonfim aconteceu em janeiro de 1755. O corpo do capitão Theodozio jaz, desde 1757, no centro do santuário. E o artista Antonio Joaquim Velasco concluiu, em 1819, a pintura da nave, cuja figura central evoca o navio Setúbal e os objetos traquete e vela carregados pela tripulação, além do símbolo de Portugal.”

CATOLICISMO E CANDOMBLÉ

A festa da Lavagem, lembra Avancini, é resultado do amálgama entre catolicismo e candomblé que permeia a história de Salvador. Famosa pela lenda popular segundo a qual a capital baiana possui 365 igrejas católicas – uma para cada dia do ano –, a cidade é a mais africana do continente,

primeiro porto da maior parte dos 6 milhões de escravos africanos desembarcados no Brasil entre os séculos XVI e XIX. Mas Avancini ressalva que a mestiçagem não esconde o preconceito. “Convivência não quer dizer ausência de conflito e mistura não é sinônimo de falta de hierarquia”, destaca, citando o antropólogo Darcy Ribeiro.

Avancini enfatiza que a atividade econômica do açúcar nos engenhos nordestinos fez acentuar as desigualdades entre os dois extremos da sociedade brasileira: o patriarcalismo e a escravidão. “Os negros foram, por excelência, os agentes de aculturação que difundiram a língua do colonizador, ensinando aos cativos recém-chegados técnicas de trabalho e valores sociais a que foram submetidos.” Assim, continua o autor, nesse “exílio-prisão do sistema escravista, a violência do corpo se tornou prática estrutural em que o castigo exerceu função corretiva e pedagógica. A instrução formal dos negros foi proibida na legislação da Colônia, mas se conectaram espiritualmente às suas crenças religiosas, buscando a visão direta do saber pela inteligência e intuição”.

Os instantâneos publicados em *Lavagem do Bonfim – Formas de Reportar* foram obtidos por Avancini com as câmeras Canon Ex e Nikon FM10, em filmes preto e branco 400 ASA e processados manualmente pelo autor, como informa a chefe de gabinete do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac) da Bahia, Emília Gonçalves, que assina a apresentação do livro. Em relação a Avancini, Emília afirma que é testemunha da sua “acuidade em registrar não apenas o visto por todos, mas os detalhes, as sutilezas, as nuances e até o invisível, documentando fatos em instantâneos criativos e não padronizados”. Segundo ela, Avancini documentou a convivência do sagrado e do profano de uma das festas religiosas e populares mais importantes de Salvador. “A narrativa contém textos produzidos com base em pesquisas, entrevistas com estudiosos e depoimentos com peregrinos colhidos nas ruas por onde passa o cortejo, traduzindo com leveza a história da Bahia e as influências portuguesas e africanas que contribuíram para a diversidade cultural baiana.”

Iniciada na segunda metade do século XVIII, a Lavagem do Bonfim é realizada sempre no segundo domingo depois da Epifania, o Dia de Reis, 6 de janeiro.